

A concepção de educação para Álvaro Vieira Pinto e sua contribuição para repensar estudos sobre um ensino tecnológico humanizador

Education design for Alvaro Vieira Pinto and contribution to rethink your studies on a technological education humanizing

Villian da Costa Herculano
Faculdade Salesiana Dom Bosco
villiancosta@yahoo.com.br

.....

Luciana da Cunha Ferreira
Universidade Nilton Lins
luciana1953@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como finalidade contribuir, a partir da concepção de educação em Álvaro Vieira Pinto, sobre a alfabetização científica dos cidadãos e, em especial, refletir sobre a possibilidade de conciliar ciência, existência e técnica, uma vez que as tecnologias por si só não promovem um processo humanizador, é preciso investir e repensar o processo educativo, as práticas sociais de ensino-aprendizagem que possam promover uma formação humanizadora. O viés da educação científica e tecnológica necessita trilhar por metodologias e perspectivas que possam contribuir para que educandos e educadores compreendam a ciência e as tecnologias como produção humana e que esta produção volte-se para contribuir para uma formação crítica, autônoma e emancipatória. Assim, acreditamos que os estudos científicos e as tecnologias possam humanizar os sujeitos do conhecimento sem os coisificar em meros receptores de teorias que dissociam ciência e existência.

Palavras chave: educação científica, existência, autonomia, emancipação.

Abstract

This article aims to contribute, from the conception of education in Álvaro Vieira Pinto on the scientific literacy of citizens and, in particular, reflect on the possibility of reconciling science, life and art, since that technology alone does not promote a humanizing process, it is necessary to invest and rethink the educational process, the social practices of teaching and learning that can promote a humanizing education. The bias of scientific and technological education needs to walk by methodologies and perspectives that might contribute to students and educators understand the science and technology as human production and that this production turn to contribute to a critical training, autonomous and emancipatory. Thus, we believe that scientific studies and technologies to humanize the subject without

devalued nature, commodifying them knowledge in mere recipients of theories that dissociate science and existence.

A Perspectiva Teórica de Álvaro Vieira Pinto e a Formação do Homem Alfabetizado Cientificamente

A orientação teórica de Vieira Pinto foi construída em torno do contexto histórico de seu pensamento enquanto educador e filósofo. A época de efervescência de sua produção intelectual aconteceu entre as décadas de 1955 e 1985 do século XX, momento histórico em que a educação brasileira lutava para se consolidar no cenário político, econômico, social, ideológico e cultural.

Exilado no Chile na década de 60, Vieira Pinto conhece a força do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Desse vínculo intelectual, nasce uma profunda admiração entre dois educadores que dedicaram suas vidas pela luta da emancipação do povo brasileiro. Vieira Pinto ilumina sua trajetória teórica quando conhece a fenomenologia de Heidegger e Merleau-Ponty, o que proporciona um acréscimo fundamental à sua filosofia da educação. Comprometido politicamente com a educação brasileira, Vieira Pinto acredita que a hermenêutica contribui essencialmente à compreensão da interpretação da cultura e suas configurações simbólicas portadoras de significação para uma nação que precisa atribuir sentido à educação.

O materialismo histórico e dialético também são pertinentes no pensamento de Vieira Pinto, porque pressupõe um entendimento das estruturas da sociedade, assim como a inteligibilidade da totalidade histórica. A concreticidade é um terreno de análise da práxis coletiva, desse modo, Vieira Pinto aborda o fenômeno da educação conduzindo a reflexão crítica para o desenvolvimento histórico, razão pela qual seu pensamento articula o fenômeno sob a perspectiva da historicidade e temporalidade.

Vieira Pinto sempre esteve preocupado com a produção científica e com as implicações da racionalidade técnico-instrumental. A técnica deve humanizar os homens, ela sozinha não promove a emancipação. É necessário não dissociar a ciência da existência, pois a finalidade da produção científica e dos avanços tecnológicos é proporcionar o desenvolvimento necessário para que os cidadãos possam viver melhor e de modo igualitário.

A bagagem teórica de Vieira Pinto marca um modo de pensar a questão da educação, a formação dos indivíduos e da sociedade a partir dos múltiplos aspectos da formação histórica e social dos homens. É importante perceber que o empenho desse educador foi lutar criticamente por uma educação popular, pelo homem do campo, o trabalhador, o educador e o cidadão. Lutou por uma educação político-científica, a qual pudesse preparar o povo para a desalienação ideológica.

Num estudo sobre os fundamentos da teoria educacional de Vieira Pinto, Dias (2002) afirma que foi nos anos 50 e 60 que o Brasil ingressou no processo de industrialização, urbanização, tecnificação e modernização e que o pensamento de Vieira Pinto marcou o momento de lucidez teórica para compartilhar não com o capitalismo monopolista, mas com a efervescência dos movimentos populares que tinham como objetivo a conscientização do povo e a reivindicação de programas de alfabetização de adultos e educação de base.

Mobilizado pela dialética, fenomenologia e hermenêutica, Vieira Pinto assume a educação e alfabetização das massas populares, dos analfabetos, dos homens originários do campo, do assalariado e dos excluídos, a partir das novas exigências para uma educação pautada na possibilidade da formação de indivíduos iguais.

A dialética permitiu que Vieira Pinto compreendesse as contradições histórico-sociais de sua época; a fenomenologia contribuiu para que o olhar crítico desse educador enxergasse o modo pelo qual os fenômenos se revelam em sua dialeticidade. A hermenêutica, na perspectiva da historicidade, significa, no pensamento de Vieira Pinto, o que Palmer (1969) chama de experiência hermenêutica, isto é, o modo como se interpreta as condições históricas dos indivíduos ou o diálogo hermenêutico intrínseco à experiência histórica do objeto investigado.

Quando Vieira Pinto procura na hermenêutica uma compreensão histórica sobre a ciência, a técnica e a formação dos indivíduos ultrapassam a objetividade da própria experiência, visto que “o homem, situando-se e agindo na história, ganha através da experiência, uma intuição do futuro na qual a expectativa e os planos ainda se mantêm abertos” (PALMER, 1969, p. 199).

O caráter dialético da experiência histórico-social do pensamento de Vieira Pinto organiza nossas interrogações hermenêuticas em busca de interpretações metodológicas, que se propõe investigar o significado crítico-reflexivo da formação dos indivíduos. Daí a importância de entender as contribuições pedagógicas do referencial teórico que ilumina nossas indagações sobre a emancipação, educação e alfabetização dos indivíduos.

Desse modo, a preocupação desse educador contribui para que possamos repensar a educação como um todo, em especial, os estudos sobre a ciência e a técnica, uma vez que a racionalidade instrumental priorizou o poder da razão em detrimento da condição humanizadora dos indivíduos. É relevante destacar que Vieira Pinto, lutou por uma educação científica para o povo brasileiro, que o cidadão comum tivesse acesso à ciência e às tecnologias. Em sua percepção de mundo, os estudos tecnológicos são conquistas da humanidade e o cidadão necessita ser humanizado na perspectiva da dialética e da historicidade de seu tempo.

A concepção de educação em Vieira Pinto pode ser mapeada no conjunto de suas obras: *Ideologia do Desenvolvimento Nacional* (1959); *Consciência e Realidade Nacional* (1960); *A Questão da Universidade* (1961); *O Conceito de Tecnologia* (2005); *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos (s/d)*; *Ciência e Existência* (1979) e *Sete Lições Sobre Educação de Adultos* (2007).

Realizar uma abordagem em torno da concepção de educação em Vieira Pinto exige uma compreensão sobre o seu pensamento, pois está vinculado à sua formação sociológica e filosófica e, às questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Vieira Pinto é um pensador que procura no caminho da crítica, elucidar a face escondida de sua época e dos problemas pertinentes à educação e à formação do homem.

O caminho proposto por Vieira Pinto é o da consciência crítica: um instrumento de autonomia e emancipação para o pesquisador que assume a educação como preocupação emergente.

Vieira Pinto faz a pergunta originária: o que é educação?

é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. Por consequência, a educação é formação (Bildung) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos (VIEIRA PINTO, 2007, p. 29 - 30).

A concepção de educação em Vieira Pinto (2007) está vinculada à percepção de sociedade e como o processo histórico social condiciona a sua proposta de educação e formação. O autor atribui um caráter histórico e antropológico à educação, visto que o modo pelo qual a sociedade educa os homens reflete o desenvolvimento histórico, político, econômico, cultural e social. Ao contrário do sentido restrito que aliena os indivíduos, a concepção autêntica ou o sentido amplo norteia a educação para a consciência crítica, instrumento que emancipa a sociedade, os educadores e os educandos.

Visto o caráter histórico e antropológico atribuído à educação, Vieira Pinto (2007) discorre sobre as categorias: consciência crítica e consciência ingênua, enquanto proposta capaz de elucidar o conjunto de suas reflexões, que norteiam as indagações pertinentes à educação e à formação, pois a concepção de educação para esse filósofo busca uma noção mais ampla: um projeto voltado para a transformação da sociedade. Essa proposta só é possível quando se faz uma “aposta política nas mãos dos que operam o mundo e que a luta política fosse capaz de evidenciar o esgotamento do modelo político da sociedade então presente” (FREITAS, 2006, p. 86).

Consciência Crítica e Consciência Ingênua: fundamentos para uma Educação Científica

A educação é um fenômeno histórico-antropológico, sendo propício da sua essência desvelar-se como processo, fato social e existencial. É um fenômeno cultural de uma dada sociedade e civilização. Nesse sentido amplo e autêntico, a concepção de educação em Vieira Pinto (2007) ganha proporção ainda maior quando as categorias consciência crítica e consciência ingênua consolidam os fundamentos para um entendimento sobre a educação científica de um povo que precisa acreditar na educação como atividade teleológica, isto é, a educação e a formação como um fim em si mesmo.

Na terceira lição sobre a educação de adultos, o tema sobre as concepções: ingênua e crítica da educação contribui para entender como é possível realizar um protesto contra a educação alienante. Para alcançar o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos, Vieira Pinto (2007) procura o caminho do discernimento crítico desses conceitos por acreditar que a consciência crítica é o instrumento segundo o qual a sociedade pode libertar seu povo da submissão política, social, econômica e cultural.

A consciência ingênua é

aquela por motivos que cabe à análise filosófica examinar não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das condições determinantes que fazem pensar tal como pensa. Não inclui a referência ao mundo objetivo como seu

determinante fundamental. Por isso, julga-se um ponto de partida absoluto, uma origem incondicional, acredita que suas ideias vêm dela mesma, não provêm da realidade, ou seja, que têm origem em ideias anteriores. Assim, as ideias se originam das ideias. A realidade é apenas recebida ou enquadrada em um sistema de ideias que se cria por si mesmo (VIEIRA PINTO, 2007, p. 59 - 60).

A concepção de consciência ingênua passa, no entanto, pela preocupação com a realidade objetiva, ou seja, não basta a simples reflexão sobre si, que no dizer de Vieira Pinto (2007, p. 60), este é o exercício próprio da introspecção. É relevante, porém, que a “percepção do estado presente da consciência”, acompanhe o fluxo da totalidade objetiva e se identifique com a autoconsciência de todos os determinantes, sejam eles políticos, sociais, econômicos e culturais.

Paulo Freire (1997), contemporâneo de Vieira Pinto, também aposta no viés da crítica para superar os impasses da consciência ingênua. Ensinar exige criticidade, esse é um dos lemas da pedagogia desse educador brasileiro. Para Paulo Freire (1997), não há necessidade de rupturas com o saber comum, mas superação, visto que não há

na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (PAULO FREIRE, 1997, p. 34).

O olhar de Paulo Freire (1997) nos aproxima da concepção de que o senso comum pode na procura do esclarecimento, alcançar a qualidade de suas reflexões diante da realidade. A criticidade no pensamento de Paulo Freire (1997, p. 35) representa um instrumento de “inquietação indagadora como inclinação ao desvelamento de algo”. Este é um sinal de atenção do sujeito curioso que, na criticidade da reflexão, experimenta o ato político do pensamento.

Pensar é, no entanto, uma demanda que, no dizer de Paulo Freire (1997, p. 37), representa “profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos”. Na atitude do pensar, surge

a possibilidade da revisão dos achados, reconhece não a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. Mas como não há pensar certo a margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda exigir o pensar certo - que assuma a mudança operada. Todo pensar certo é radicalmente coerente. (PAULO FREIRE, 1997, p. 37).

A proposta de inclinação indagadora do próprio homem é, no pensamento de Paulo Freire (1997), um princípio ético do pensar que se desvela no caminho da coerência e da virtude pedagógica.

Para Vieira Pinto (2007), a concepção ingênua de educação entende que o ponto de partida do ato de educar consiste em transformar o não-homem em homem. Esse

equivoco metodológico é desfeito a partir da antítese da ingenuidade, isto é, da concepção crítica da educação. A consciência crítica permite pensar o modelo tradicional de educação, possibilitando desvelar seu caráter ideológico.

Preocupado com a educação tradicional, conservadora e ideológica da sociedade agrário-mercantil e latifundiária, Vieira Pinto pesquisa cientificamente os impasses que turvaram o processo de igualdade e justiça social do momento histórico em que estão os cidadãos.

A consciência crítica tem uma meta bem definida: desdogmatizar a consciência ingênua. Em Vieira Pinto (2007), a consciência ingênua não diz respeito ao homem ignorante sem leitura, ao homem não letrado, ao contrário, sua visão entra em consenso epistemológico com a atualidade do pensamento de Santos (2002) quando aponta hoje para uma razão indolente, aquela que subjuga o oprimido e o submete à servidão de um modelo de pensamento ou de uma cultura baseada, principalmente, na razão lógico-instrumental.

A consciência ingênua é, desse modo, aquela que por inércia é profundamente preguiçosa e se recusa em pensar o outro sem submetê-lo à experiência do desperdício de sua concreticidade no mundo. A consciência ingênua ou razão indolente é

a razão displicente que não sente necessidade de se exercitar por se imaginar incondicionalmente livre e, portanto, livre da necessidade de provar a sua liberdade. Bloqueada pela impotência auto-infligida e pela displicência, a experiência da razão indolente é uma experiência limitada, tão limitada quanto a experiência do mundo que ela procura fundar. É por isso que a crítica da razão indolente é também uma denúncia do desperdício da experiência (SANTOS, 2002, p. 42).

A consciência crítica é a expressão da razão ética. Para Santos (2002), o fundamento da razão estético-expressiva, é um protesto contra o desperdício da experiência humana, é uma reivindicação para as sociedades subjugadas e oprimidas. No campo da educação, a consciência crítica diz que o

educando é o “sujeito” da educação (nunca o objeto dela). Se necessita da ação do outro, o professor, para se alfabetizar, instruir-se, isso não significa que seja o objeto “sobre o qual” o educador atua, e sim unicamente que é componente indispensável de um processo comum, aquele pelo qual a sociedade como um todo se desenvolve, se educa, se constrói, pela interação de todos os indivíduos (VIEIRA PINTO, 2007, p. 64).

O encaminhamento teórico atribuído por Vieira Pinto (2007) reside em criticar a ideologia da consciência ingênua por “rebaixar o educando a condição de objeto”. Para esse educador que trilha pelo viés da filosofia da educação, pela criticidade,

a educação não tem objeto, e sim somente objetivo. Existencialmente falando, educar é um verbo intransitivo. É a sociedade que, em sua totalidade, se comporta como agente paciente do processo educativo. Por conseqüência, a expressão teórica perfeita da natureza histórico-antropológica da educação resume-se nesta expressão: a sociedade educa (VIEIRA PINTO, 2007, p. 64).

Enquanto a concepção ingênua como modo dominante de pensar a sociedade e a cultura é, para Vieira Pinto (1960), um ponto de vista moralmente insultante e

esterilizante, a consciência crítica resgata dialeticamente o saber como produto da existência concreta, objetiva e cultural. Em torno dessa tarefa educativa, Maturana (2000) diz que a formação humana, a formação do homem em seu todo, é o fundamento de todo o processo educativo. Em Vieira Pinto (1979), a educação reflexiva se organiza em torno dos fundamentos da consciência crítica, proposta emancipatória para uma educação científica.

No conjunto dessas relações mútuas, a dialética explicita que nestas estruturações histórico-sociais, o modo de produção material da sociedade condiciona e determina o modo de vida social. No dizer de Marx (1976), não é a consciência do homem (educador) que determina o seu ser, mas é o seu contexto material, o seu ser social, o qual determina sua consciência, seu modo de pensar e agir.

A realidade é uma estrutura objetiva, concreta (KOSIK, 1995) e no movimento de sua concreticidade, os fenômenos educativos evidenciam suas contradições. Por essa razão, nos deparamos com a problemática da formação dos educadores, necessitamos revisitar nossas concepções de educação, potencializando o estudo nas mais diversas abordagens com a finalidade de poder contribuir como atitude aberta às exigências contemporâneas sobre novas práticas de ensino, metodologias e reflexões sustentáveis à pesquisa científica.

No pensamento de Vieira Pinto (1979), a formação do homem alfabetizado cientificamente já era em seu tempo uma reivindicação sua, de Paulo Freire e de outros membros do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Lutar pela alfabetização científica do povo representava nessa perspectiva, uma intervenção crítico-reflexiva, diante dos debates que giravam em torno da democratização do ensino, da formação dos educadores e dos educandos. A educação científica posta por Vieira Pinto (1979) passa pelos anseios democráticos e direitos da população excluída ter o acesso a uma ciência e as tecnologias que se reconciliam com a existência dos indivíduos. O direito e o acesso ao conhecimento científico emancipador foi uma luta contra a alienação social e cognitiva de uma sociedade oprimida pela lógica do capitalismo e do regime político ditador.

Alfabetizar cientificamente o homem significa libertá-lo da consciência ingênua, desdogmatizá-lo, desaliená-lo das verdades científicas que dissociaram o homem de sua existência. O conhecimento científico foi produzido pelo homem, é revelação do homem e o homem como ser conhecente não pode se confundir em suas dimensões existenciais diante daquilo que ele produziu como a mais elevada manifestação de produção humana - o conhecimento (VIEIRA PINTO, 1979, p. 113).

Na perspectiva de sua autoria, o conhecimento produzido pelo homem deve atender às necessidades existenciais e sociais dos indivíduos e da sociedade. Um povo educado cientificamente é, para Vieira Pinto (1979), um povo desalienado e a consciência ingênua é um obstáculo à realização de um projeto educativo voltado para liberdade dos cidadãos. O homem trabalhador, o homem do campo, o assalariado, o professor, o artesão, o povo e a massa popular só justificam sua autonomia e emancipação quando a sociedade se depara com o desafio de dar aos sujeitos excluídos o direito de usufruir do conhecimento que o próprio homem produziu em condição de autor da mais elevada forma de conhecimento – a ciência (VIEIRA PINTO, 1979).

Dar acesso aos indivíduos a uma formação científica, possibilita, na visão de Santos (2005), superar a injustiça social e a injustiça cognitiva à qual os sujeitos oprimidos

foram submetidos pela razão técnico-instrumental, razão colonizadora e autoritária. Krasilchik (1987) quando fala em educação científica diz que é preciso explicitar as novas posturas metodológicas em relação à ciência, novas concepções sobre a ciência e redefinir como trabalhar as disciplinas científicas e como formar o indivíduo com espírito crítico.

Para tanto, Krasilchik (1987) aponta também para uma redefinição no processo de formação do cidadão trabalhador, propõe uma redefinição do ensino e da formação dos educadores para que possa responder às mudanças sociais, crescentes na diversidade cultural da sociedade e aos impactos da tecnologia. O cidadão-trabalhador para Vieira Pinto (1979) é alfabetizado cientificamente quando a sociedade que o educa priorizar o ensino para uma formação histórico-social.

Autonomia, Emancipação e Crítica: o caminho proposto por Vieira Pinto

Na perspectiva filosófica de Vieira Pinto, a educação é um processo social e histórico comprometido com a existência dos indivíduos. Desse modo, deve proporcionar a autonomia e a emancipação dos cidadãos.

O termo autonomia é uma categoria dialética nas obras de Vieira Pinto. A autonomia aparece no conjunto de suas reflexões como projeto pertinente à emancipação dos trabalhadores, cidadãos assalariados, educadores e educandos brasileiros. A categoria aparece como êxito pleno da consciência que busca sua emancipação no processo de formação da consciência autêntica da realidade e isto ocorre de fato quando a consciência crítica promove o desenvolvimento nacional do ser do país. Vale ressaltar que, em Vieira Pinto (1960), a questão da autonomia da consciência deve ser examinada a partir dos aspectos históricos, delineados pelos condicionamentos objetivos que determinam o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos.

O termo autonomia é uma categoria dialética, uma vez que sua compreensão só é possível no interior das contradições políticas, econômicas, sociais e culturais de um determinado contexto histórico. A autonomia é um substrato para se almejar a emancipação de um povo alfabetizado, de uma sociedade autêntica e de um país desenvolvido.

A investigação sugerida por Vieira Pinto (1960) destaca que a superação do processo de alienação do homem do país subdesenvolvido surge, com efeito, no momento em que os indivíduos tomam conhecimento do papel do seu trabalho e do significado existencial de sua produção, assim sendo, o processo histórico dialético se encarregará de promover a existência cultural e o bem-estar humano.

O exame da autonomia dos homens consiste no vínculo entre o trabalho e a emancipação, pois ao rompê-los resulta daí simplesmente uma fissura na superfície do real, os indivíduos perdem a inteligibilidade de realizar seu trabalho com as necessidades de transformar o contexto social e a si mesmo. A dissolução entre trabalho e autonomia produz uma sociedade de representações banais. Abre-se o espaço para a alienação dos homens e a técnica absorve a totalidade humano-existencial, conduzindo a dinâmica histórica para um processo de inércia social. Vieira Pinto (1960) considera de suma importância a emancipação econômica do país e o progresso técnico que altera o modo de produzir dos homens, com isso, instaura-se a possibilidade de enveredarmos rumo a uma revolução tecnológico-social.

Vieira Pinto (1960, p. 80) destaca que a emancipação econômica dos países periféricos somente poderá ser eficaz para os indivíduos, se “alterar o modo de produzir, proporcionando ao país outro nível de existência econômica, pois o aumento puro e simples de produtividade de baixa qualidade não o tirará do estado de subdesenvolvimento”. Estas considerações esclarecem o significado existencial da categoria trabalho, uma vez que só será possível falar em emancipação e autonomia social quando se proclamar os aspectos valorativos do trabalho humano. Na esfera da educação, o trabalho docente constitui a experiência mais qualitativa e mais concreta em termos de transformação da consciência dos indivíduos, visto que imprime ao educador o tratamento do processo de desalienação da consciência ingênua. O processo histórico de desalienação dos homens começa quando o educador ocupa sua consciência com os problemas existenciais de seu tempo.

A autonomia do homem é um projeto antropológico porque é uma realização do ser do homem enquanto absoluto valor que funda a pessoa humana. Sobre esse tema, Massi e Giacola Jr. (1998) confirmam que a educação é um esforço histórico de autoconstituição da humanidade e que formar o homem é elevar a sua consciência à condição de dignidade. Sem dúvida, a meta suprema da educação é priorizar

o ser humano, precisamente em função de sua dignidade, não é coisa, mas pessoa. Pessoa é sujeito moral, investido de um valor absoluto, que se expressa não por um preço, mas pela dignidade, o que transforma a pessoa em indivíduo insubstituível na singularidade absoluta de seu valor próprio. Esse valor é o que impede que uma pessoa possa ser considerada ou tratada apenas como meio ou instrumento segundo o qual se obtém ou intenciona um fim arbitrário (MASSI e GIACÓIA Jr., 1998, p. 356).

Nesse sentido, ao buscar uma compreensão sobre o termo autonomia, deparamo-nos com a questão da ética na educação, uma vez que o propósito dessas reflexões reside na possibilidade de mostrar que o projeto emancipatório dos indivíduos consiste em elucidar o caráter do valor do homem enquanto sujeito dotado de vontade e liberdade.

A orientação do pensamento educacional de Vieira Pinto (1960) aponta para o aparelho educativo tradicional como obstáculo para o desenvolvimento. A reforma qualitativa da educação consiste num reajuste entre o sistema formal e o real, entendendo por sistema formal, o modelo tradicional que institucionaliza a ideologia dominante. Em contrapartida, o sistema real diz respeito às necessidades concretas dos indivíduos ao mundo social coletivo onde os indivíduos se definem existencialmente.

Santos (2002, p. 16) reconhece que “entre as ruínas que se escondem atrás das fachadas, podem pressentir-se os sinais, por enquanto vagos, da emergência de um novo paradigma”. Para o alcance da emancipação e de uma educação científica, este pensador aponta para o caminho da crítica como ponto de partida para se reinventar a emancipação.

O objetivo do paradigma emergente é denunciar as opacidades e os dilemas que afligem os povos culturalmente oprimidos. Resgatar as subjetividades negadas é poder propor, nos escombros das relações dominantes, possíveis relações mais recíprocas que possam garantir e reinventar a emergência da emancipação social.

A educação do século XXI deve reorientar-se, segundo Santos (2005), para uma reforma democrática e emancipatória em que os cidadãos reinventem um espaço de

luta social e que, em razão da crítica, possam suprimir a proletarização de docentes e pesquisadores.

Neste sentido, Carbonara (2005, p.172) afirma que o docente “na formação científica só se sustenta se também for um pesquisador que contribua para a própria compreensão da ciência e da técnica”. O autor afirma ainda que na formação científica é preciso pensar referenciais éticos e discuti-los no contexto do avanço científico e tecnológico.

Demo (1995) diz que é necessário para um processo de iniciação à competência científica do professor, tornar-se o sujeito histórico, aquele que pelo crivo da crítica elabora questionamentos e percebe a monstruosidade do atraso social da educação popular. A crítica permite a oportunidade histórica de afastar os indivíduos da ignorância, “raiz mais profunda da pobreza, porque ninguém é mais pobre do que aquele que, sendo excluído, sequer sabe disso” (DEMO, 1995, p. 12)

A crítica nos livra do empobrecimento de nossas experiências humanas, assenta nosso olhar no caminho da ética e do humanismo contemporâneo que prima pelo desvelamento da verdade entre os indivíduos e as estruturas institucionalizadas pela sociedade. A reflexão é o ponto de partida com o qual podemos chegar à crítica, é um elo, um vínculo que nos prende à criticidade, como diz Paulo Freire (1997), é aquilo que nos distancia da ingenuidade. A criticidade é, para esse educador, a procura ética pelo esclarecimento, porque nos põe pacientemente diante do mundo com o desejo de realizar aquilo que ainda não fazemos: a criticidade.

A crítica em Vieira Pinto (1979) é uma intervenção social, é uma construção, um processo de emancipação para uma cultura emergente e subjugada. O homem é um ser que produz sua existência, produzem ideias como bens culturais simbólicos. As ideias, na concepção de Vieira Pinto (1979), não são enfeites intelectuais, elas devem ser consumidas para a libertação da condição humana, devem produzir uma interpretação da realidade que se fecha no embrutamento social impedindo que as forças produtivas reais adquiram o espírito da cultura emergente e autêntica.

A consciência criadora emerge da pobreza das experiências, assim como no dizer de Matos (2000) das experiências de nossa pobreza. Num mundo dominado pelo valor de troca, Matos (2000, p. 37) diz que o “silêncio, cúmplice do esquecimento, é neutralização moral, é incapacidade e inaptidão às experiências existenciais temporais”.

Ao falar da vigilância da crítica, Severino (2001, p. 115) clareia a temática a partir do terreno infértil da alienação, guia-nos com as ferramentas da ideologização para compreendermos o comportamento das subjetividades alienadas. A alienação é um processo de falseamento das medições humanas. A avaliação desse conceito nos coloca diante de um debate sobre a exigência das questões axiológicas ou valorativas que permeiam a reflexão sobre a tarefa da educação.

Reside aqui outra preocupação ainda maior, pois a consciência ingênua pode legitimar as relações de poder presentes no contexto da sociedade. Daí a necessidade de motivar o pensamento crítico, entendimento segundo o qual “a crítica deve afrontar a ideologia falseadora, trata-se, portanto, no dizer de Severino (2001, p. 116)” de desarmar a argumentação do discurso ideológico. No olhar de Bauman (2001, p. 62), “o trabalho do pensamento crítico é trazer à luz os muitos obstáculos que se amontoam no caminho da emancipação”.

Trata-se de recuperar a crítica como uma atividade cultural, o que sem dúvida nos provocaria a seguinte pergunta: educar para quê? A resposta de Severino (2001, p. 132) está direcionada ao educador. “Não há como “preparar” um educador, o que se pode fazer é acordá-lo para praticar uma reflexão crítica”. Isso nos levaria a uma reflexão sobre o lugar da formação de nossos educadores e educandos. Perguntaríamos se a crítica faz parte dos conteúdos curriculares, do programa pedagógico proposto pela sociedade e pela cultura.

Reinventar a emancipação social exige para os povos que vivem no Sul, um ajuste entre os dilemas da educação e as teorias que “sustentam” a pedagogia dos oprimidos. Reinventar a emancipação social a partir dos dilemas do Sul, dos países periféricos e semiperiféricos do sistema mundial, significa segundo Santos (2007, p. 20) estabelecer uma “compreensão do mundo muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo”.

Considerações Finais

A postura crítica de Vieira Pinto permitiu que realizássemos uma reflexão engajada com o problema da educação, assim como contribuiu para que tivéssemos uma compreensão sobre a realidade política, econômica, social, cultural e ideológica da realidade brasileira. A perspectiva teórica de Álvaro Vieira Pinto elucida o débito científico da educação brasileira, evidencia a formação da consciência dos indivíduos e suas consequências quando a ideologia dominante aliena a consciência ingênua, impedindo-a de se exercitar no caminho da criticidade.

Dentre as categorias propostas por Vieira Pinto, a autonomia, a emancipação e a crítica aparecem como esteio crítico-reflexivo para compreendermos sua concepção de educação voltada para a formação digna da subjetividade dos indivíduos, o que contribui para se repensar o processo de formação dos educadores. Para Vieira Pinto, a intencionalidade da consciência política do país determina a qualidade do processo educativo dos cidadãos.

A concepção de educação para esse educador comprometido com a autonomia e emancipação dos indivíduos e da sociedade, tem como fundamento primeiro investigar o processo histórico-cultural da alienação e suas implicações com o paradigma racional da cultura, pois esse é o ponto de partida para compreensão da educação dos povos oprimidos.

Vieira Pinto é um pensador, um educador preocupado e ocupado com a realidade brasileira. É um pensamento sempre contemporâneo, uma vez que traduz a preocupação de trilhar pelo caminho da crítica para investigar a intencionalidade do contexto político, econômico e cultural da realidade fundante.

A educação, nessa perspectiva, é um bem de consumo coletivo e cultural, pertence à sociedade e aos povos que necessitam da libertação. Vieira Pinto é um teórico crítico-dialético preocupado com a formação científica dos educadores, com a educação popular e a formação para um povo educado cientificamente.

A formação do homem educado cientificamente reside na capacidade de repensar o valor ético e existencial da educação para a sociedade. A sociedade educa os cidadãos e os cidadãos transformam a sociedade dialeticamente com os instrumentos pedagógicos que lhes são oferecidos.

O conhecimento tecnológico deve ser humanizador para a realização dessa tarefa é preciso educar o povo e alfabetizá-lo a partir da ciência e das técnicas emergentes.

Referências

CARNABORA, Vanderlei. Educação e Ciências: sobre a formação científica numa perspectiva ética. In KUIAVA, Evaldo A. ; PAVIANI, Jayme (Org). **Educação Ética e Epistemologia**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Silvano Severino. **Em Busca dos Fundamentos da Teoria Educacional de Álvaro Vieira Pinto**. Dissertação de Mestrado em Educação. Uberlândia, MG, 2002.

FREITAS, Marcos César de. **Economia e Educação**: a contribuição de Álvaro Vieira Pinto para o estudo histórico da tecnologia. Revista Brasileira de Educação. v. 11, n.º 31, Jan/Abr, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KOSIK, Karel. **A Dialética do Concreto**. 6 ed. Trad. Célia Neves. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

KRASILCHIK, Myriam. **O Professor e o Currículo das Ciências**. São Paulo: EPU, 1987.

MASSI, Cosme Damião Bastos; GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Ética e Educação**. In Raquel Volpato Serbino et al. Formação de Professores. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MATURANA, Umberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação** 4.ed. Trad. Jaime A. Claseu. Petrópolis, RJ: Vozes 2000.

MARX & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Lisboa: Presença, 1976.

MATOS, Olgária. C. F. **O Espetáculo e seus Fetiches**: a modernidade. In Paulo Giraldelelli Jr. (Org.). Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A Universidade no Século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra-Ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Orgs.).

Conhecimento, Pesquisa e Educação. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Consciência e Realidade Nacional:** a consciência ingênua. Vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.

_____. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional.** Rio de Janeiro: ISEB, 1969.

_____. **O Conceito de Tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

_____. **Sete Lições sobre Educação de Adultos.** 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.